

Perfil da violência perpetrada por adolescentes

Profile of violence perpetrated by adolescents

José Ronildo da Costa¹

orcid.org/0000-0002-2730-6320

Mauro Mccarthy de Oliveira Silva²

orcid.org/0000-0001-8895-7760

João Cruz Neto³

orcid.org/0000-0002-0972-2988

Maria do Socorro Vieira Lopes⁴

orcid.org/0000-0003-1335-5487

Grayce Alencar Albuquerque⁵

orcid.org/0000-0002-8726-0619

¹ Mestre em Saúde da Família. Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará, Brasil.

² Mestre em Enfermagem. Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará, Brasil.

³ Doutorando. Mestre em Enfermagem. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

⁴ Doutora em Enfermagem. Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará, Brasil.

⁵ Doutora em Ciências da Saúde. Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará, Brasil.

Resumo

Introdução

A violência é um problema social de âmbito domiciliário ou comunitário, atinge crianças e adolescentes nas formas física, psicológica, sexual, negligência e exploração comercial ligado a relações de poder.

Objetivo

Descrever o perfil da violência perpetrada por adolescentes.

Método

Estudo transversal, quantitativo, desenvolvido no período de abril a junho de 2019, com 155 adolescentes. A recolha ocorreu por meio de questionários e a análise dos dados através do programa *BioEstat* 5.3. Pesquisa aprovada sob parecer nº 3.203.080.

Resultados

Em sua maioria os participantes eram do sexo feminino com idade entre 14 a 18 anos, heterossexuais, solteiros, católicos e estudavam pela manhã. Quanto aos agressores destacam-se meninas 51 (57,9%) perpetrando a violência física 34 (65,4%). Houve associação significativa ($p < 0.0001$) entre as variáveis: violência psicológica/física e idade da vítima entre 10 a 19 anos; violência psicológica/física e ambiente escolar.

Conclusão

A violência está presente no cotidiano dos adolescentes, o que eleva a importância de ações preventivas nos espaços sociais, além da observação de fatores de riscos para seu devido enfrentamento.

Palavras-chave

Saúde do Adolescente; Comportamento do Adolescente; Violência; Exposição à Violência.

Abstract

Introduction

Violence is a social problem at home or in the community, affecting children and adolescents in physical, psychological, sexual, neglect and commercial exploitation linked to power relations.

Objective

To describe the profile of violence perpetrated by adolescents.

Method

Cross-sectional, quantitative study carried out between April and June 2019 with 155 adolescents. Data was collected using questionnaires and analyzed using the *BioEstat* 5.3 program. The study was approved under protocol number 3.203.080.

Results

Most of the participants were female, aged between 14 and 18, heterosexual, single, Catholic and studying in the morning. The aggressors were girls, 51 (57.9%), and physical violence, 34 (65.4%). There was a significant association ($p < 0.0001$) between the following variables:

Autor de correspondência:

João Cruz Neto

E-mail: enfncruz@email.com

Recebido: 06.01.2024

Accite: 17.04.2024

Como citar este artigo: da Costa JR, Silva MMO, Neto JC, Lopes MSV, Albuquerque GA. Perfil da violência perpetrada por adolescentes. *Pensar Enf* [Internet]. 2024 Mai; 28(1): 48-54. Available from: <https://doi.org/10.56732/pensarenf.v28i1.309>



psychological/physical violence and the victim's age between 10 and 19; psychological/physical violence and the school environment.

Conclusion

Violence is present in the daily lives of adolescents, which raises the importance of preventive actions in social spaces, as well as observing risk factors in order to deal with it.

Keywords

Adolescent Health; Adolescent Behavior; Violence; Exposure to Violence.

Introdução

No mundo, aproximadamente 2,5% da mortalidade é resultante da violência, e milhares de pessoas são vítimas de violências não fatais por dia.¹⁻² Esse dano é responsável por mais de um milhão de mortes por ano em nível mundial, sendo a quarta causa de mortalidade na população de 15 a 44 anos de idade.³ No Brasil, crianças e adolescentes são consideradas as principais vítimas.⁴ De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência contra crianças e adolescentes inclui a violência física, psicológica, sexual, negligência e a exploração comercial, geralmente em um contexto de responsabilidade, confiança e/ou poder. O principal local de ocorrência da violência contra essa população é o espaço do lar e com autoria dos familiares.⁵ A violência contra esse público é um problema crescente e devido sua amplitude e disseminação nos últimos anos, vem adquirindo maior visibilidade, passando a ser discutida e estudada por diferentes setores da sociedade, de maneira a compreender e identificar os fatores que a determinam⁶ e as condições que situam o adolescente em três diferentes posições em relação a violência, o autor, a vítima ou a testemunha, todavia, uma parcela significativa apresenta-se na primeira posição.⁷

A violência perpetrada por adolescentes é considerada um fenômeno social atual diretamente ligada às desigualdades sociais, com aspectos culturais e relacionais. Estudo realizado com 239 estudantes em Salvador, Bahia, apontou que 60% foram vítimas de violência doméstica, e em decorrência da vitimização, os adolescentes apresentaram comportamentos agressivos, prática de atos violentos, consumo de álcool e substâncias ilícitas.⁸

Em países latino-americanos, a perpetração da violência entre homens de 13 a 24 anos chega a 23%, sendo associada a violência física e emocional por cuidadores.⁹ No ambiente intrafamiliar, 12% da violência física prática é perpetrada por adolescentes e cerca de 16% estão na condição tanto de vítimas como de agressores, um comportamento que se reproduz cotidianamente motivado pelo uso de drogas lícitas ou ilícitas, especialmente a partir dos 16 anos de idade, quando iniciam a vida de festas.¹⁰

Assim, a vivência de episódios violentos no âmbito familiar influencia diretamente adolescentes a perpetrarem esse comportamento em diversos ciclos sociais de seu convívio, como a escola, considerando-a um ato na maioria das vezes normal e aceito, ao fazerem uso da violência como

ferramenta errônea para resolução de conflitos, ato coercivo ou opressão.¹¹ Diante do exposto, este estudo objetivou descrever o perfil da violência perpetrada por adolescentes.

Métodos

Trata-se de um estudo transversal quantitativo, desenvolvido no período de abril a junho de 2019, em uma escola pública da rede estadual de ensino médio localizada no município de Picos, estado do Piauí, Brasil.

À época da coleta, estavam matriculados 477 alunos/as de forma regular, distribuídos no ensino fundamental e médio, nos períodos matutino e noturno, dos quais 254 cursavam apenas o ensino médio. Foi utilizado o cálculo amostral por meio da fórmula da população finita para definir a amostra do estudo, apresentando margem de erro de 5%, nível de confiança 95% e estimativa de prevalência de 50%, o que culminou em uma amostra para o estudo de 155 adolescentes.

O critério de inclusão adotado para participação dos/as adolescentes foi pertencerem à faixa etária entre 12 a 18 anos, levando-se em consideração a definição de adolescência do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Adotou-se como critério de exclusão a ausência dos/as adolescentes na escola nos dias da realização da coleta de dados.

Após a autorização para desenvolvimento da pesquisa pela direção da escola, foi solicitado a relação nominal dos/as adolescentes matriculados, definindo-se as turmas e o período da aplicação do estudo, seguindo-se os critérios pré-estabelecidos pela pesquisa. Para a permissão da entrada do pesquisador em sala de aula, foi realizada reunião prévia com o corpo docente da instituição, onde ocorreu a apresentação do projeto e agendamento das datas para coleta de dados.

Na fase de apresentação dos objetivos da pesquisa os estudantes que concordaram assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e seus responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido obtendo permissão para realizar a pesquisa. Por fim, procedeu-se a aplicação dos questionários em dias e horários agendados.

O questionário foi elaborado pelos próprios autores e continham questões acerca das condições de vida dos/as adolescentes e da violência perpetrada por eles/as. O referido instrumento de coleta de dados quantitativo foi dividido em quatro blocos, a saber: i) dados socioeconômicos (continham questões inerentes à idade, escolaridade, renda familiar, número de membros da família, cor/etnia, orientação sexual, religião, estado civil) ii) violência física, iii) violência psicológica e iv) violência sexual. Destaca-se que nos blocos acerca das violências, as questões se relacionavam à perpetração dessas violências relacionadas ao sexo e idade da vítima, local de ocorrência e frequência de consumo de bebidas alcoólicas pelos/as adolescentes.

Os dados quantitativos obtidos foram organizados no *Microsoft Office Excel* versão 2010 e posteriormente analisados com o auxílio do programa *BioEstat* 5.3, que permitiu a descrição das frequências absolutas e relativas das variáveis do estudo, bem como, a análise de associação

entre as variáveis preditoras e de desfecho. A independência entre essas variáveis foi determinada através do teste de hipótese G com Correção de Williams ao nível de 0,05 de significância. Trata-se de um teste não paramétrico, semelhante ao Qui-Quadrado, aplicado em substituição a este quando ele não apresenta as condições necessárias à sua aplicação. Já a Correção de Williams busca obter melhor aproximação com o teste do Qui-Quadrado. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Regional do Cariri (URCA) com parecer aprovado nº 3.203.080. Os questionários foram numerados de 1 a 155, de acordo com a ordem de recebimento, garantindo-se a confidencialidade das informações prestadas.

Resultados

Participaram do estudo 155 adolescentes. Destes, 94 (63,9%) eram do sexo feminino e 61 (36,1%) do sexo masculino, com faixa etária entre 14 a 18 anos, destacando-se aqueles com 16 anos (N = 43; 27,7%).

Estavam matriculados em período matutino 132 (85,2%), 86 (55,5%) eram pardos, 143 (92,2%) heterossexuais, 116 (74,8%) com residência própria, 96 (61,9%) solteiros/as, 124 (80%) católicos/as, com renda familiar média de um

salário mínimo 88 (56,8%) e com até dois a quatro irmãos 98 (63,2%). Quanto à violência perpetrada, 88 (56,7%) revelaram ter praticado violência alguma vez. O sexo masculino foi o maior perpetrador de violência psicológica 19 (54,3%) e o sexo feminino de violência física 34 (65,4%). Identificou-se associação entre as variáveis praticar violência psicológica e física com o sexo da vítima ($p < 0.0001$), em que se destaca o sexo masculino e a violência física, conforme tabela 01.

Houve relação entre a violência praticada (agressor) e idade das vítimas ($p < 0.0001$), em que prevaleceram vítimas na faixa etária de 10 a 19 anos, tanto para violência psicológica, como para violência física, tabela 02.

Quanto ao local de ocorrência, observa-se associação entre as violências físicas e psicológicas em ambiente escolar ($p < 0.0001$), conforme tabela 03

Quanto a relação entre praticar violência e consumo de álcool, tabela 4. Não há associação significativa entre as variáveis, contudo, quando há violência seja física ou psicológica, estima-se que aconteça caso haja o consumo de álcool uma vez na semana.

Tabela 1: Associação entre violência praticada e sexo da vítima, Picos – PI, Brasil, 2019.

Tipos de violência		Não informado		Masculino		Feminino		Ambos os sexos		p-value
		N	%	N	%	N	%	N	%	
Violência psicológica	Não respondeu	12	100	--	--	--	--	--	--	< 0.0001
	Praticou	08	22,9	14	40	10	28,6	03	8,6	
	Não praticou	105	97,2	02	1,8	01	0,9	0	--	
Violência física	Não respondeu	09	100	--	--	--	--	--	--	< 0.0001
	Praticou	05	9,6	25	48	16	30,8	06	11,5	
	Não praticou	88	93,6	02	2,1	04	4,3	--	--	
Violência sexual	Não respondeu	21	100	--	--	--	--	--	--	0.8280
	Praticou	--	--	01	100	--	--	--	--	
	Não praticou	128	96,2	03	2,3	02	1,5	--	--	

Tabela 2: Associação entre violência praticada e idade da vítima, Picos – PI, Brasil, 2019.

Tipo de violência		Não informado		1 a 5 anos		6 a 10 anos		10 a 19 anos		p-value
		N	%	N	%	N	%	N	%	
Violência psicológica	Não Respondeu	12	100	--	--	--	--	--	--	< 0.0001
	Praticou	01	2,9	--	--	--	--	30	85,7	
	Não praticou	104	96,3	--	--	--	--	02	1,8	
Violência física	Não Respondeu	09	100	--	--	--	--	--	--	< 0.0001
	Praticou	01	1,9	01	1,9	02	3,8	42	80,8	
	Não praticou	89	94,7	--	--	--	--	01	1,0	
Violência sexual	Não respondeu	21	100	--	--	--	--	--	--	0.9992
	Praticou	--	--	--	--	--	--	--	--	
	Não praticou	129	96,7	01	0,7	--	--	--	--	

Discussão

A literatura evidencia que o envolvimento de adolescentes em atos de violência no papel de agressores relaciona-se à fatores que são capazes de interferir diretamente na formação social e moral nesta faixa etária, como violência no ambiente doméstico, exploração de menores, convívio e exposição ao álcool, drogas, tráficos, roubos e outros eventos que possam exercer influência negativa sobre os mesmos.¹²

Os dados obtidos nesta pesquisa reforçam a problemática da figura adolescente como perpetrador de violência, uma vez que mais da metade afirmou já ter praticado violência ao menos uma vez na vida. Em estudo¹³ com 2.786

adolescentes de 17 escolas da rede pública estadual da capital do estado do Mato Grosso, Brasil, apontou que 1.236 participantes (44,36%), afirmaram já terem sido expostos a violência nas condições de vítima, agressor e vítima e agressor simultaneamente.

Autores¹⁴ afirmam que tanto as violências sofridas quanto as praticadas por adolescentes interferem de maneira significativa na qualidade de vida dos mesmos, tendo em vista que afetam familiares, amigos e comunidade, o que pode provocar baixo desempenho educacional, comportamentos de risco em saúde, incapacidades, doenças e até mortes.

Tabela 3: Associação entre violência praticada e local da ocorrência, Picos – PI, Brasil, 2019.

Tipo de violência		Sem informação		Residência		Local Público		Escola		Residência e Escola		Residência e local Público		Residência e local público e escola		Local público + escola		p-value
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Violência psicológica	Não respondeu	12	100	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	< 0.0001
	Praticou	--	--	07	20,0	05	14,3	16	45,7	01	2,9	--	--	02	5,7	02	5,7	
	Não praticou	104	96,3	--	--	01	0,9	01	0,9	--	--	--	--	01	0,9	--	--	
Violência física	Não respondeu	09	100	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	0.0	< 0.0001
	Praticou	2	3,8	14	26,9	08	15,4	15	28,8	08	15,4	01	1,9	01	1,9	02	3,8	
	Não praticou	92	97,9	--	--	02	2,1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	
Violência sexual	Não respondeu	21	100	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	0.9838
	Praticou	0	--	--	--	01	100	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	
	Não praticou	129	97	--	--	01	0,7	01	0,7	--	--	--	--	--	--	--	--	

Tabela 4: Associação entre violência praticada e frequência que consome bebidas alcoólicas, Picos – PI, Brasil, 2019.

Tipo de violência		Não informado		Nunca		Uma vez por mês ou menos		Duas a quatro vezes por mês		Duas a três vezes por semana		Quatro ou mais vezes por semana		p-value
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Violência psicológica	Não Respondeu	05	41,6	03	25	02	16,7	02	16,7	--	--	--	--	0.7553
	Praticou	11	31,4	03	8,6	17	48,6	03	8,6	--	--	01	2,8	
	Não praticou	47	43,5	19	17,6	29	26,9	10	9,3	01	0,9	02	1,8	
Violência física	Não respondeu	03	33,3	01	11,1	04	44,5	01	11,1	--	--	--	--	0.1119
	Praticou	15	28,8	06	11,5	20	38,5	07	13,5	01	1,9	03	5,8	
	Não praticou	45	47,9	18	19,1	24	25,6	07	7,4	--	--	--	--	
Violência sexual	Não respondeu	09	42,9	03	14,3	05	23,8	03	14,3	--	--	01	4,7	0.9797
	Praticou	--	--	--	--	01	100	--	--	--	--	--	--	
	Não praticou	54	40,6	22	16,5	42	31,6	12	9,0	01	0,8	02	1,5	

A maior prevalência de situações de violência entre adolescentes reforça a existência de desigualdades sociais como moradia, saúde, educação, cultura e lazer. Sabe-se, que as situações de pobreza, desigualdade econômica e

desemprego de um ou ambos os genitores, são fatores de risco para o envolvimento com as violências.¹⁴ Esse fator esteve presente na amostra do estudo, em que mais da

metade dos/as participantes adolescentes possuem uma renda média familiar de até 1 salário mínimo.

Ainda, estatísticas apontam que jovens negros e pobres estão mais expostos à morte por causas externas e estigmatizados a um comportamento agressivo e violento.¹⁵

Apesar da maioria dos/as participantes do estudo se considerarem pardos/as, entendida como a pessoa que possui ascendência étnica de mais de um grupo, ou seja, mestiça, acredita-se que a descendência negra esteja presente e possivelmente uma ocultação da cor seja preferível, uma vez que existe diferença no comportamento social entre pessoas da cor negra; visto que, quanto mais escuro, mais discriminado na sociedade. De um modo geral, os/as participantes do estudo estariam mais susceptíveis à perpetração e vitimização em decorrência de sua cor/raça/etnia.¹⁶

Embora revelado o sexo feminino como maior perpetrador de violência em números totais neste estudo, destaca-se que este resultado pode ter relação com a maior participação de mulheres na amostra, uma vez que a prevalência de envolvimento em situações de violência, seja como agressor ou como vítima, é maior em adolescentes do sexo masculino. Ser do sexo masculino é apontado como preditor de respostas violentas em situações de confronto ou vitimização. Uma possível explicação para esse fato é que o comportamento agressivo masculino é tolerado e muitas vezes estimulado em sociedades com dominação de padrões culturais machistas.¹⁷

A literatura aponta que meninos estão mais expostos à violência, especialmente no contexto extrafamiliar, constituindo-se em um grupo de risco para testemunhar, sofrer e perpetrar atos violentos;¹⁸ já que, por apresentarem com mais frequência comportamentos agressivos, envolvem-se mais em situações de lutas, brigas, roubos, crimes violentos e vandalismo.¹⁹

O comportamento agressivo, que é mais praticado por e contra adolescentes do sexo masculino, faz parte da construção de uma masculinidade almejada, com demonstração de virilidade, em busca de aceitação social.¹⁵ Esse fato pode ser explicado pela maior tolerância social de um comportamento violento entre homens.¹¹ A afirmativa corrobora com dados deste estudo, que evidenciou adolescentes do sexo masculino como as maiores vítimas de violência perpetrada por seus pares, sendo estas em sua maioria, ocorridas no ambiente por eles frequentados, a escola.

Autores⁸ afirmam que a violência no ambiente escolar tem se tornado um problema global com consequências individuais e coletivas, sobretudo no campo da saúde. Assim, vale destacar que na adolescência, a vítima possui poucos recursos para evitar e/ou defender-se da agressão. Entre escolares, participar de brigas físicas, *bullying* e portar armas são reconhecidos fatores de risco para as violências na juventude¹⁴ e tal situação direciona uma atenção para este ambiente, uma vez que a escola deve ser considerada como um ambiente de intervenção e amplificador de medidas de controle contra a violência, por tratar-se de um local de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades sociais, culturais e hegemônicas que os adolescentes

utilizarão para a vida, bem como, por ser um local de convívio e relações sociais, onde os jovens mantêm contato direto com outros jovens da mesma faixa etária, podendo ser um local propício para redução de comportamentos de risco à violência.^{11,20}

A escola, como formadora de vínculos, tem papel primordial na identificação de comportamentos violentos e retrativos, e desta forma, fatores como baixa no desempenho escolar, agressividade contra discentes e docentes, isolamentos e hostilidades são comumente identificados pelos educadores, pois adolescentes passam grande parte do dia dentro do ambiente educacional e é lá que os maiores índices de perpetuação da violência são vivenciados,²⁰ sendo portanto, a escola um local propício para aplicação de ações de enfrentamento ao problema, havendo a necessidade de parcerias com outros setores e com os pais/responsáveis.

Na Colômbia, um programa de reabilitação contra violências implantado nas escolas resultou em uma diminuição significativa de violência entre escolares.²¹ No mesmo contexto, uma revisão sistemática apontou que nos Estados Unidos a relação dos pais com a escola na identificação de comportamentos de risco causou uma diminuição tanto na violência doméstica, como na escolar.²²

Em estudo⁸ com 239 adolescentes indicou associação estatística entre alto risco para a agressão e consumo de álcool (RP=2,26 e IC95%: 1,25-4,11) e com isso, afirmou que o consumo de bebida alcoólica é importante fator situacional que pode precipitar o envolvimento do adolescente com a violência.

Acredita-se que a vergonha e o estigma de expor o contato/uso de álcool é o motivo da maioria das respostas em branco. Por facilitar episódios violentos, sociedade e família partilham percepções negativas referentes aos adolescentes que utilizam drogas lícitas e ilícitas, pois muitas vezes os usuários são estigmatizados.²³

Além da violência, o consumo de álcool nesta fase pode acarretar uma série de prejuízos escolares, tendo em vista que a memória é função fundamental no processo de aprendizagem e ela pode ficar comprometida devido ao consumo da bebida alcoólica.⁸ De fato, quando se fala em uso/abuso de álcool na fase da adolescência há uma grande preocupação com o rendimento escolar, uma vez que o consumo excessivo leva à queda acentuada no desempenho do processo ensino-aprendizagem.²⁴ Segundo o mesmo autor, adolescentes que fazem uso de álcool se ausentam com maior frequência das aulas, perdendo a totalidade do processo pedagógico e àqueles que conseguem frequentar as aulas, apresentam sonolência, lentidão e dificuldades para entender o que o professor diz.

Ainda, pesquisas apontam para danos cerebrais (no hipocampo) causados pelo uso álcool, envolvendo o aprendizado e a memória, uma vez que o hipocampo é o local do cérebro no qual a memória é formada e depois distribuída para outras áreas cerebrais.²⁵ Além disso, danos no hipocampo podem prejudicar a formação de novas memórias, o que influencia no processo de aprendizagem.²⁶ Assim, com a queda do rendimento escolar, ocorre redução

da autoestima, o que representará um provável fator de risco para maior envolvimento com mais experimentação, consumo e abuso de substâncias psicoativas.²⁵

Ainda, um fato que chama a atenção diante dados obtidos neste estudo, volta-se ao descumprimento das políticas públicas/legislativas para a prevenção do consumo de álcool e drogas, tendo em vista que a venda de bebidas alcoólicas à adolescentes menores de 18 anos é proibida no Brasil pela Lei 13.106, de 17 de março de 2015⁽²⁷⁾. Em diversas circunstâncias, o uso de bebidas alcoólicas torna-se a porta de entrada para o uso abusivo e o início do consumo de drogas ilícitas,²⁸ bem como, com o envolvimento em episódios violentos, o que requer da sociedade se pensar em estratégias de prevenção frente a este grupo populacional.

Por fim, diante dos resultados, observa-se que adolescentes perpetram violência contra seus pares especialmente em espaços sociais que possibilitam a convivência, como na escola. Assim, o ambiente escolar desponta como locus estratégico de enfrentamento a este dano, uma vez que nele se favorece a identificação/intervenção de fatores de risco associados à violência entre adolescentes, propiciando-se a introdução de medidas de controle, como ações preventivas e educativas e uma cultura de paz.⁸

Conclusão

O estudo apontou que adolescentes praticam atos de violência em seu cotidiano, com destaque ao dano entre seus pares e no ambiente escolar. Adolescentes estão expostos à fatores de vulnerabilidade dentro e fora do contexto familiar e seu envolvimento em atos violentos produzem efeitos comportamentais que podem ser deletérios ao longo da vida.

O sexo feminino obteve expressividade na amostra deste estudo e há relação entre prática da violência física por este público. Isso denota a necessidade de novas abordagens profundas ao tema com amostras pareadas a fim de clarificar a suposta relação demarcada nesta pesquisa.

Apesar de apresentar achados importantes, o estudo tem como limitações o baixo acesso à dados científicos que se voltem para a perpetração de violência por adolescentes na literatura, o que denota a importância de estudos com essa finalidade, a fim de possibilitar uma análise aprofundada dos fatores associados a esse dano, suas manifestações e implicações a curto, médio e longo prazo.

Contribuições autorais

Costa, JR: Conceção e desenho do estudo; Recolha de dados; Análise e interpretação dos dados; Análise estatística; Redação e Revisão crítica do manuscrito.

Silva, MMO: Redação e Revisão crítica do manuscrito.

Cruz Neto, J: Análise e interpretação dos dados, Redação e Revisão crítica do manuscrito.

Lopes, MSV: Redação e Revisão crítica do manuscrito.

Albuquerque, GA: Conceção e desenho do estudo, Redação e Revisão crítica do manuscrito.

Conflitos de interesse e Financiamento

Nenhum conflito de interesse foi declarado pelos autores.

Referências

1. Carlos DM, Pádua EMM, Ferriani MGC. Violence against children and adolescents: the perspective of Primary Health Care. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2017 [cited 2022 Mar 17]; 70(3):511–8. Available from: <http://10.0.6.54/0034-7167-2016-0471>
2. Rafael RMR, Moura ATMS, Tavares JMC, Ferreira REM, Camilo GGS, Neto M. Perfil das violências por parceiro íntimo em Unidades de Saúde da Família. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2017 [cited 2022 Mar 17]; 70(6):1259–67. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0007>
3. Carlos DM, Pádua EMM, Fernandes MID, Leitão MNC, Ferriani MGC. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: olhares sobre a rede de apoio. *Rev Gaúcha Enferm* [Internet]. 2016 [cited 2023 Mar 20]; 37(spe):e72859. Available from: <http://10.1590/1983-1447.2016.esp.72859>
4. Brasil. Ministério da Saúde. Metodologias para o cuidado de crianças, adolescentes e famílias em situação de violências [Internet]. 2014 [cited 2023 Mar 19]. Available from: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/publicacoes/metodologias-para-o-cuidado-de-criancas-adolescentes-e-familias-em-situacao-de-violencias/view>
5. World Health Organization (WHO). Violence prevention alliance: Definition and typology of violence [Internet]. Geneva:WHO; 2022 [cited 2023 Mar 23]; p. 1-6. Available from: <https://www.who.int/groups/violence-prevention-alliance/approach>
6. Paixão GPN, Santos NJS, Matos LSL, Santos CKF, Nascimento DE, Bittencourt IS, et al. Violência escolar: percepções de adolescentes. *Rev Cuid* [Internet]. 2014 [cited 2023 Nov 27]; 5(2):717–22. Available from: <http://dx.doi.org/10315649/cuidarte.v5i2.83>
7. Reis DC, Melo CS, Soares TB, Flisch TP, Rezende TR. Vulnerabilidades e necessidades de acesso à atenção primária à saúde na adolescência. *Ciência, Cuid e Saúde* [Internet]. 2013 [cited 2023 Nov 27]; 12(1):63–71. Available from: <http://10.0.15.185/ciencucuidsaude.v12i1.18141>
8. Mota RS, Gomes NP, Estrela FM, Silva MA, Santana JD de, Campos LM, et al. Prevalence and factors associated with experience of intrafamilial violence by teenagers in school. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2018 [cited 2023 Nov 29]; 71(3):1022–9. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0546>
9. Seff I, Meinhardt M, Harker Roa A, Stark L, Villaveces A. Predicting adolescent boys' and young men's perpetration of youth violence in Colombia. *Int J Inj Contr Saf Promot* [Internet]. 2021 [cited 2024 Jan 05]; 1–9. Available from: <https://10.0.4.56/17457300.2021.2009519>

10. Faria CS, Martins CBG. Violence among school adolescents: vulnerability conditionss. *Enfermería Glob* [Internet]. 2016 [cited 2024 Jan 05]; 15(42):157–70. Available from: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412016000200007&lang=pt
11. Silva GRR, Lima MLC, Acioli RML, Barreira AK. A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares. *Cien Saude Colet* [Internet]. 2021 [cited 2024 Jan 06]; 26(suppl 3):4933–43. Available from: <http://10.0.6.54/1413-812320212611.3.20632019>
12. Godoy CB, Alencastro LCS. Características da violência exercida por adolescentes escolares. *Rev Enferm* [Internet]. 2016 [cited 2024 Jan 06]; 24(4):1–6. Available from: 10.12957/reuerj.2016.11050
13. Martins CBG, Alencastro LCS. Características da violência sofrida por adolescentes escolares de uma capital brasileira. *Rev Eletrônica Enferm* [Internet]. 2015 [cited 2024 Jan 07]; 17(3). Available from: <http://10.0.20.96/rec.v17i3.29684>
14. Pinto IV, Barufaldi LA, Campos MO, Malta DC, Souto RMCV, Freitas MG De, et al. Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, 2012 e 2015. *Rev Bras Epidemiol* [Internet]. 2018 [cited 2024 Jan 07]; 21(suppl 1). Available from: <http://10.1590/1980-549720180014.supl.1>
15. Galinkin AL, Oliveira Almeida AM, Anchieta VCC. Representações sociais de professores e policiais sobre juventude e violência. *Paideia* [Internet]. 2012 [cited 2024 Jan 08]; 22(53):365–74. Available from: 10.1590/1982-43272253201308
16. Petruceli JL, Saboia AL. Características Étnico-raciais da População Classificações e identidades. Rio de Janeiro : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2013. 208 p.
17. Andrade SSCA, Yokota RTC, Sá NNB, Silva MMA, Araújo WN, Mascarenhas MDM, et al. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cad Saude Publica* [Internet]. 2012 [cited 2024 Jan 08]; 28(9):1725–36. Available from: <http://10.0.6.54/S0102-311X2012000900011>
18. Queiroz DR, Barros MVG, Aguilar JA, Soares FC, Tassitano RM, Bezerra J, et al. Consumo de álcool e drogas ilícitas e envolvimento de adolescentes em violência física em Pernambuco, Brasil. *Cad Saude Publica* [Internet]. 2021 [cited 2024 Jan 09]; 37(4):1–10 Available from: <http://10.0.6.54/0102-311x00050820>
19. Oliveira E, Luiz OC, Couto MT. Adolescents, poverty areas, violence, and public health: an intersectional perspective. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2022 [cited 2024 Jan 09]; 75(suppl 2):1–8. Available from: <http://10.0.6.54/0034-7167-2019-0685>
20. Cordeiro KCC, Gomes NP, Estrela FM, Magalhães JRF, Cruz MA, Silva AF, et al. Identificação de violência em adolescentes: discurso de educadoras. *Rev Enferm UFPE line* [Internet]. 2020 [cited 2024 Jan 10]; 1-14. Available from: <https://10.5205/1981-8963.2020.243193>
21. Chau E. Aulas en Paz: A Multicomponent Program for the Promotion of Peaceful Relationships and Citizenship Competencies. *Confl Resolut Q* [Internet]. 2007 [cited 2024 Jan 06]; 25(1):79–86. Available from: <https://doi.org/10.1002/crq.193>
22. Peacock S, Konrad S, Watson E, Nickel D, Muhajarine N. Effectiveness of home visiting programs on child outcomes: a systematic. *BMC Public Health* [Internet]. 2013 [cited 2024 Jan 06]; 13:17. Available from: <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-13-17>
23. Paula ML, Jorge MSB, Lima LL, Bezerra IC. Experiências de adolescentes em uso de crack e seus familiares com a atenção psicossocial e institucionalização. *Cien Saude Colet* [Internet]. 2017 [cited 2024 Jan 06]; 22(8):2735–44. Available from: <http://10.0.6.54/1413-81232017228.22892015>
24. Neves KC, Teixeira MLO, Ferreira MA. Factors and motivation for the consumption of alcoholic beverages in adolescence. *Esc Anna Nery - Rev Enferm* [Internet]. 2015 [cited 2024 Jan 06]; 19(2):286–91. Available from: <http://10.0.23.47/1414-8145.20150038>
25. Padrão MRV, Tomasi AJ, Romero MLAM, Silva D, Cavaca AG, Köptcke LS. Educação entre pares: protagonismo juvenil na abordagem preventiva de álcool e outras drogas. *Cien Saude Colet* [Internet]. 2021 [cited 2024 Jan 10]; 26(7):2759–68. Available from: <http://10.0.6.54/1413-81232021267.07322021>
26. Kerr DCR, Capaldi DM, Pears KC, Owen LD. Intergenerational influences on early alcohol use: Independence from the problem behavior pathway. *Dev Psychopathol* [Internet]. 2012 [cited 2024 Jan 08]; 24(3):889–906. Available from: <https://10.0.3.249/S0954579412000430>
27. Brasil KCTR, Almeida SFC, Amparo DM, Pereira AMR. Adolescência, violência e objetos culturais: Uma intervenção entre o educativo e o terapêutico no espaço escolar. *Estilos da Clin* [Internet]. 2015 [cited 2024 Jan 08]; 20(2):205. Available from: <http://10.0.45.86/issn.1981-1624.v20i2p205-225>
28. Silva PA, Lunardi VL, Lunardi GL, Arejano CB, Ximenes AS, Ribeiro JP. Violência contra crianças e adolescentes: características dos casos notificados em um Centro de Referência do Sul do Brasil. *Enfermería Glob* [Internet]. 2017 [cited 2024 Jan 10]; 16(2):406. Available from: <https://dx.doi.org/10.6018/eglobal.16.2.2352>